

ASPECTOS HISTÓRICO-GEOGRÁFICOS DO ASSENTAMENTO ELI VIVE, LONDRINA (PR)

Ana Paula Rodrigues dos Santos¹; Larissa Cristina Figueiredo Ramiro²; Fernando Veronezzi³

Resumo: Esse trabalho apresenta de maneira breve, alguns aspectos histórico-geográficos da conquista e da consolidação do Assentamento Eli Vive, localizado no município de Londrina, norte do estado do Paraná, demonstrando desde o período de acampamento, até à conquista efetiva da terra, trazendo uma abordagem que evidencia as mulheres rurais como protagonistas no que se refere às ocupações, bem como no assentamento já constituído.

Palavras-Chave: Assentamento Eli Vive; MST; Assentadas; Mulheres rurais; Londrina.

INTRODUÇÃO

Nesse trabalho serão discutidos aspectos histórico-geográficos do assentamento Eli Vive, localizado no distrito de Lerroville, pertencente ao município de Londrina, sendo esse situado ao norte do estado do Paraná (mapa 1).

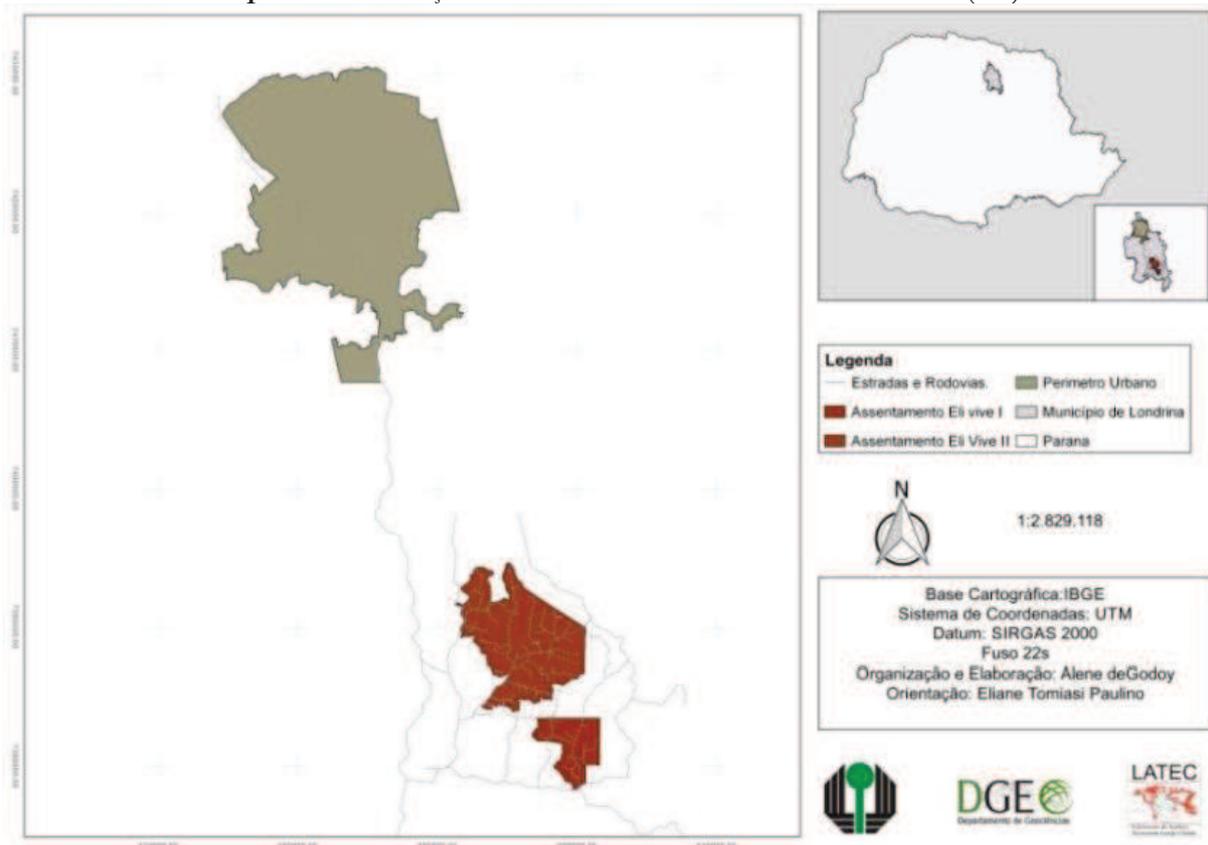
A fazenda Guairacá, quando transformada em assentamento, fora dividida em algumas partes, sendo elas nomeadas como: Assentamento Eli Vive I e Eli Vive II. Em relação ao primeiro, fora “criado” pelos próprios assentados, uma subdivisão, apenas quanto à nomeação, sendo essa área chamada de “Ferradura”. O Assentamento Eli Vive I é o foco dessa pesquisa. Caracteriza-se como um assentamento recente, tendo sua conquista efetiva no ano de 2013. Por conta disso, são poucos os materiais acadêmicos que fazem referência ao mesmo, portanto, o trabalho buscará constituir uma base teórica e histórica acerca do local, contribuindo assim com a ciência geográfica.

A pesquisa tem como objetivo principal organizar um perfil histórico-geográfico do assentamento, como já citado anteriormente, demonstrando a importância dessa comunidade no contexto local e regional. Com o apoio dos referenciais teóricos e dos trabalhos de campo, a pesquisa contribui para a compreensão do espaço geográfico e das relações sociais que nele se desenvolvem, tendo ainda, como outra perspectiva, analisar o papel das mulheres assentadas, uma vez que, segundo Veleda da Silva (1998, p.107) com o surgimento da Geografia de Gênero cria-se uma nova dimensão, tornando a análise da vida social de homens e mulheres um aspecto importante. Apesar de presente nas mais variadas esferas da sociedade, as mulheres ainda sofrem com a opressão em diversos setores e, de acordo com Valenciano e Thomaz Júnior (2002) no Movimento Sem Terra – MST, isso não é diferente.

¹ Graduanda do Curso de Geografia, da Universidade Estadual de Londrina, paulaanarodrigues@live.com

² Graduanda do Curso de Geografia, da Universidade Estadual de Londrina, paulaanarodrigues@live.com

³ Professor Doutor do Departamento de Geociências, da Universidade Estadual de Londrina; fveronezzi@uel.br

Mapa 1 - Localização do Assentamento Eli Vive – Londrina (PR)

Fonte: GODOY (2017, p. 4).

Por isso, neste trabalho, uma das análises se dá, buscando compreender o papel das mulheres rurais, mais precisamente as mulheres do Assentamento Eli Vive I. Será retratado, de maneira sucinta, o dia-a-dia dessas mulheres, as múltiplas jornadas por elas desempenhadas, pois desenvolvem suas atividades na lavoura, cuidam da casa e da família, militam a favor do movimento social, por batalhas que envolvem a conquista de terra em outras regiões e, por lutas no que diz respeito à equidade de gênero dentro e fora do assentamento e do movimento social.

É válido ainda ressaltar nesse momento introdutório do texto que, esse trabalho é oriundo das discussões realizadas na disciplina de Geografia Agrária, ministrada na Universidade Estadual de Londrina (UEL), cursada pelas autoras do texto no ano de 2018, do qual, os debates levantados durante a disciplina, motivaram as acadêmicas ao desenvolvimento dessa pesquisa.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A fim de desenvolver esse trabalho foi realizado trabalho de campo no Assentamento Eli Vive I, com objetivo de conhecer a área e as dinâmicas que envolvem os assentados. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas⁴, individuais e orais, com seis mulheres e um homem, que possuem conhecimento

⁴ Nesse tipo de entrevista, o entrevistador elabora um determinado número de questões que possuem uma sequência contextual no roteiro, podendo, em caso de necessidade, adicionar questões extras no guia de perguntas, já que o pesquisador, possui uma postura ativa e flexível nesse tipo de entrevista (COLOGNESE E MELO, 1998).

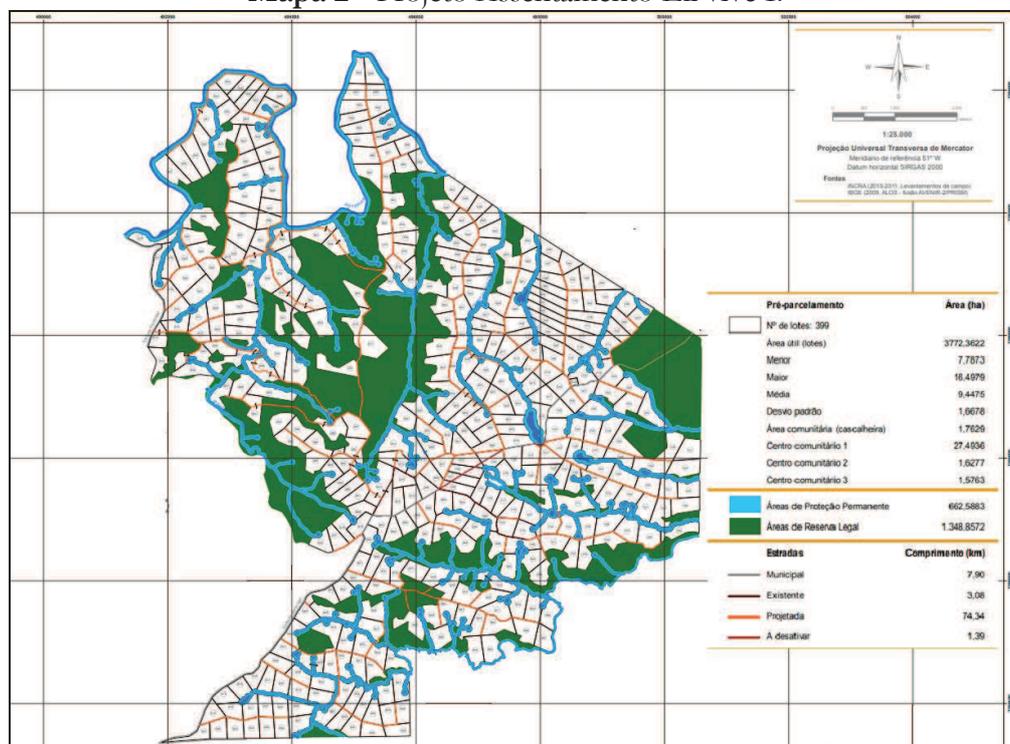
quanto às realidades do assentamento. Importante ressaltar que as entrevistas foram totalmente voluntárias – sendo coletada a assinatura dos participantes em um ‘termo de livre consentimento’, sendo apresentados os objetivos, a voluntariedade e o sigilo em relação aos seus nomes⁵. As entrevistas foram gravadas, transcritas⁶ e, posteriormente utilizadas ao longo desse trabalho como suporte para as discussões. Além disso, foi realizada também, revisão bibliográfica de textos que retratam a temática em questão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

DOS ACAMPAMENTOS AO ASSENTAMENTO: BREVE HISTÓRICO DE CONSTITUIÇÃO DO ASSENTAMENTO ELI VIVE I, A PARTIR DAS NARRATIVAS DAS ASSENTADAS

A área de estudo consiste no Assentamento Eli Vive I, localizado no distrito de Lerroville, pertencente ao município de Londrina, região norte do Estado do Paraná. Composto por 399 lotes/famílias (Mapa 2), segundo o INCRA (2012), fora desenvolvido sobre terras da antiga fazenda Guairacá, que somam 7.313,06 hectares. Uma das assentadas destaca que, no processo de ocupação da fazenda, “[...] veio as famílias de todo estado pra cá [...] veio gente de todas as localidades[...]” (ENTREVISTADA 5, 2018).

Mapa 2 - Projeto Assentamento Eli vive I.



Fonte: INCRA, 2012.. Adaptação: As autoras.

5 No decorrer do texto, os participantes serão identificados como Entrevistado 1 (2018), Entrevistada 2 (2018), Entrevistada 3 (2018), Entrevistada 4 (2018), Entrevistada 5 (2018), Entrevistada 6 (2018), Entrevistada 7 (2018). Com exceção do Entrevistado 1, todas as outras seis entrevistas foram realizadas com mulheres

6 A transcrição das entrevistas se deu de forma fiel à fala dos participantes, apresentando assim, erros comuns da fala.

Segundo a Entrevistada 5 (2018), a ocupação da fazenda Guairacá, por integrantes do MST começou em 1991, com lutas e ocupações constantes, que se mantiveram até o ano de 2010. Na última ocupação, conforme as narrativas das assentadas, não houve conflitos com a polícia, mas a bagagem histórica dos assentados envolve conflitos com a polícia, com fazendeiros e com outros grupos, no caso, os ‘bandeiras brancas do MST’, que, segundo a Entrevistada 2 (2018), é um grupo composto por ex-acampados, que por motivos diversos, geralmente infringindo às regras dos acampados do MST, foram expulsos do movimento e acabaram organizando um grupo a parte: os bandeira branca do MST (ENTREVISTADA 2, 2018).

O nome do assentamento é uma homenagem ao ativista Eli Dallemole, que “[...] foi um dos militantes aqui da Região Norte do Estado, morreu com 38 anos [...]” (ENTREVISTADA 4, 2018). O militante Eli foi morto em um confronto sangrento, por milícias do latifúndio, no ano de 2008 (LONDRINA, 2010), e nas lutas e motivações dos militantes acampados, o sonho da realização da reforma agrária não terminaria com a morte do ativista (ENTREVISTADA 5, 2018) e dessa maneira, mantiveram seus esforços concentrados em lutar por aquela terra.

No ano de 2010, diversos militantes do Paraná voltaram a ocupar a área que então estava a ser negociada e formaram um novo acampamento, composto de pessoas originárias de todo o estado, de acordo com a Entrevistada 7 (2018) “[...] cinco horas da manhã nossa coisas foram assim descarregada de caminhões em cima de um colônio mais alto que nós e ali a gente foi fazendo os ajeitamento né, construímo as casas de novo de lona, pra espera a hora certa pra ir pra dentro da fazenda , a gente ficou na fazenda, mas ao lado, num espaço ao lado”, destaca a assentada ao se recordar da ocupação de 2010.

O novo acampamento era organizado, segundo a Entrevistada 2 (2018), por brigadas de 50 famílias que se subdividiam em 5 grupos de 10 famílias, cada grupo era coordenado por um par de pessoas, um coordenador e uma coordenadora que não poderiam possuir laços matrimoniais, as brigadas eram coordenadas também por “[...] um par: um dirigente e uma ‘dirigenta’” – a entrevistada definiu esse termo. As casas de lona eram organizadas por

[...] ruas, tinham os nomes ai tinha as abrigada de 50, suas abrigada todas tinham nome, a minha era, eu lembro era Salete Strozack, ai tinha 50 família num quarteirão, era tipo um quarteirão, do lado de cima e o lado de baixo, dessas 50 família, era separado em grupo de 10 em 10, onde a cordenadora tomava conta dos seus 10, suas 10 família dentro de um brigada, então se era 50 famílias teria que ser 5 cordenador e 5 cordenadora dentro duma brigada. Cada rua dava um quarteirão, do lado de baixo e de lado de cima, era uma brigada, lá tinha a 1, a 2, a 3, a 4, 5, nois tinha 13 abrigada (ENTREVISTADA 7, 2018).

As 511 famílias que compunham o acampamento Eli Vive, e lutaram por muito tempo até a efetivação do assentamento, segundo Entrevistada 5 (2018), quando se deu a transformação da fazenda em assentamento, as famílias foram divididas em três áreas: O assentamento Eli Vive I, Eli Vive II e

Ferradura, que juntos somam 7.313,06 hectares - como já mencionado, o lócus de pesquisa para esse trabalho foi apenas o assentamento Eli Vive I (Imagem 1).

Imagem 1 – Entrada do Assentamento Eli Vive I.



Fonte: As autoras, 2018.

O assentamento é caracterizado como novo, pois possui oito anos, de acordo com a Entrevistada 7 (2018). Verbas do Governo Federal para construção das moradias ainda não foram disponibilizadas e os assentados constroem suas casas como podem (ENTREVISTADA 4, 2018). A disparidade social e financeira foi observada quando da realização dos trabalhos de campo (e ratificada pela Entrevistada 4, 2018): enquanto alguns possuem casa de alvenaria, outros ainda moram em barracos de lona. Entretanto, segundo a Entrevistada 4 (2018) a vida após a ida para os lotes melhorou muito, pois agora eles possuem o próprio pedaço de terra e podem produzir o que for do próprio gosto, possuem autonomia quanto à produção.

[...] assentado, de lote cortado, sabendo que esse é o lote da gente [...] mas a gente ainda não recebeu nenhuma verba [...]. E a desigualdade aqui dentro é grande, cê vê... A gente mora numa casa boa, graças a Deus, [...] Mas a gente já morou em barraco de lona, e hoje tem gente que ainda tá num barraco de lona (ENTREVISTADA 4, 2018).

De acordo com a fala das assentadas (ENTREVISTADA 4, 2018; ENTREVISTADA 5, 2018), por conta de uma série de dificuldades que são encontradas no cotidiano do assentamento, os assentados vão criando estratégias e estruturas que contribuem para a dinamização de suas atividades, das quais, as militantes mencionam a importância da educação do campo (e da escola rural localizada no Assentamento), bem como a Cooperativa de produtores por eles criada.

AS ESTRUTURAS DO ASSENTAMENTO ELI VIVE I

O assentamento Eli Vive I possui uma escola municipal – Escola Municipal do Campo Trabalho e Saber – e uma estadual – Colégio Estadual Maria Aparecida Rosignol Franciosi (Imagem 2) entretanto, ambas funcionam na mesma estrutura e foram construídas pelos próprios integrantes do movimento. As salas são divididas em modelos “tipo casa”.

Imagem 2 – Escolas localizadas no Assentamento Eli Vive I.



Fonte: As autoras, 2018.

Conforme destacado pelo movimento, as escolas “[...] criada no âmbito do Movimento Sem Terra, para garantir o direito à educação das crianças, adolescentes, jovens e adultos [...], enquanto estão acampados, lutando pela desapropriação das terras improdutivas e implantação do assentamento” (MST, 2018). As estruturas das escolas supracitadas foram produzidas e construídas pelos próprios integrantes do assentamento, enquanto ainda estavam em condição de acampados. Os assentados acreditam que a educação no campo é uma ferramenta de luta contra o capital e por isso, a escola faz-se tão importante no âmbito da Reforma Agrária (MST, 2016) .

Existe ainda uma Cooperativa de produtores, criada pelos assentados: a COPACON (Cooperativa Agroindustrial de Produção e Comercialização Conquista), que, conforme apresenta a Entrevistada 5 (2018) “[...] ela vai fazer dois anos”, e sua principal função é agregar valor ao produto, a fim de diminuir gastos para o produtor por meio da venda coletiva”. A Cooperativa trabalha com a venda de hortaliças, sementes crioulas e produtos crioulos, possuindo, atualmente, um total de 260 sócios.

Segundo o Entrevistado 1 (2018), atualmente a Cooperativa trabalha com o mercado convencional e com programas institucionais, como o PNAE⁷ (Programa Nacional de Alimentação Escolar) fornecendo produtos para a merenda escolar. “[...] quem tá trabalhando com a Cooperativa é as pessoas que estão conseguindo financeiramente desenvolver melhor.” (ENTREVISTADO 1, 2018).

Os assentados cooperados à COPACON anseiam pelo crescimento, prosperidade e diversificação da produção dos assentados do Eli Vive I, tendo ainda,

[...] a perspectiva [...] de construí uma agroindústria aqui, pra beneficiamento dos produto, pra ser um produto com mais qualidade, pa agregar mais valor no futuro e as família já sabe disso também né. Então nós tem a perspectiva de construí também um barracão aqui pra fazer derivados dos milhos né, faze fubá, quirera, canjiquinha, essas coisas né, então porque o pessoal que já tem essas coisas, uma linha de produtores que trabalha com sementes crioula [...]. (ENTREVISTADO 1, 2018).

O Assentamento apresenta uma grande diversidade no que diz respeito à produção (ENTREVISTADA 4, 2018). Segundo a entrevistada 5 (2018) as principais culturas são milho, feijão, batata, batata-doce, gengibre e as hortaliças. Há ainda uma parte dos assentados que produzem soja, porém o trato inicial era de que este produto não deveria ser parte da produção do assentamento, por caracterizar-se como um produto caro para plantar e manter, compensando de ser produzido apenas quando em grande quantidade (ENTREVISTADA 5, 2018).

O arrendamento da terra para o plantio da soja acontece em alguns casos dentro do assentamento, e segundo a Entrevistada 5 (2018), esse fato leva a população a buscar empregos na cidade, pois ao arrendar a terra, por conta da falta de perspectiva, o indivíduo acaba ficando sem ocupação e “[...] por isso que não é viável soja no assentamento, porque soja no assentamento vira fazenda de novo, pessoal sai trabalha fora [...] e isso não é o nosso objetivo, nossa vontade é de ter condição de viver exclusivamente da nossa produção, da conquista da nossa terra, da agricultura familiar”, revela a assentada.

Segundo a Entrevistada 3 (2018), a soja está crescendo porque é o meio que as pessoas encontram para fazer dinheiro mais rápido. Cada família receberia um percentual de verba do Governo para organizar suas plantações e construir suas casas, porém como essa verba não foi ainda disponibilizada, o arrendamento da terra para o plantio de soja possibilita um retorno rápido, sendo a saída para muitas famílias (ENTREVISTADA 3, 2018). A assentada ressalta ainda que a Agricultura Familiar é um desejo de todos, mas pela falta de verba e de políticas públicas para com esse segmento, se torna difícil.

A Agricultura Familiar é o sonho de todos. A Agricultura Familiar de plantar um pouco disso, um pouco daquilo, um pouco de mandioca, um pouco de abóbora, um pouco disso, só que na

⁷ “O PNAE é um Programa de responsabilidade do governo federal que, a partir da transferência de recursos da União para Estados e Municípios, visa à aquisição de produtos para a alimentação de alunos de escolas públicas da Educação Básica” (VERONEZZI, 2018, p. 129).

realidade essa dificuldade é muito grande porque depois você não tem pra quem vende, você tem que pagar transporte pra levar lá na cidade pra vender. Aí então a dificuldade já é muito grande. Pras pessoas realizar o sonho é muito grande, porque claro que a maioria sonha com a Agricultura Familiar né? Só que nem todos têm condições de levar adiante isso daí. (ENTREVISTADA 3, 2018).

Nesse sentido, as entrevistadas ratificaram a importância da Escola e da Cooperativa estratégias de superação dos problemas enfrentados pelos assentados, dos quais as dificuldades de realização da agricultura familiar, a viabilidade da comercialização dos produtos e a permanência das famílias na realização de atividades ligadas ao lote são algumas das situações mencionadas por elas (ENTREVISTADA 3, 2018; ENTREVISTADA 5, 2018).

Ainda em relação aos problemas enfrentados no assentamento, há de se considerar as desigualdades de gênero e os preconceitos. No Assentamento Eli Vive I, as mulheres estão presentes em todas as ações: nos processos de ocupação; nas diretorias do Movimento e na Cooperativa; na militância e no dia-a-dia das lavouras, e mesmo assim, as assentadas comentam acerca de situações das quais buscam a superação desses problemas.

Durante muito tempo o trabalho feminino no campo foi considerado apenas como complementar. A sinalização de mudança esteve ligada à entrada das mulheres rurais em sindicatos, associações e cooperativas, em meados da década de 1980 (ROSSINI, 1993), além da organização de coletivos de gênero, como organizações não governamentais e movimentos sociais especificamente compostos por mulheres.

Segundo Thomaz Júnior e Valenciano,

Desde o primeiro passo da luta que é a ocupação, a figura da mulher está presente, a qual se destaca ao lado dos homens, muito embora a cultura e os preceitos que rondam a organização patriarcal familiar tenham na mulher apenas uma 'dona de casa, a senhora do lar, a mãe, a esposa' (THOMAZ JÚNIOR E VALENCIANO, 2002, p.4).

Uma das grandes conquistas das mulheres rurais, principalmente por conta das lutas das militantes, é o fato de que os lotes do assentamento vêm no nome das mesmas, pontua a Entrevistada 4 (2018). Antigamente, os lotes eram no nome do marido, e segundo a assentada, isso era ruim para a esposa, porque o homem vendia a terra, arranjava outra família e a abandonava (ENTREVISTADA 7, 2018).

Outra assentada destaca o papel da mulher rural afirmando:

[...] eu acho que a gente não desiste tão fácil, se não fosse a persistência da mulher eu não sei se teria tantos assentamentos como tem. A prova é que antigamente os lote de Reforma Agrária era os homem os titular, os homem mandava e desmandava. Aí de uns oito anos pra cá são as mulheres que são as titulares, cê vai ver que a venda de lote [...] Não vou dizer pra você que não

tem, mas a venda de lote caiu 80%, desde que as mulheres tão no papel de titular: eu não assino, não vendo porque eu quero ficar e é meu, entendeu? (ENTREVISTADA 4, 2018).

Porém, há ainda um grande número de homens que não aceitam esses avanços conquistados pelas mulheres, "[...] o machismo sempre tem, porque muitos homens, eles não admite que a mulher tem a capacidade de toca o lote sozinha, de corre atrás de benefício [...]" (ENTREVISTADA 7, 2018). A desigualdade de gênero também é outro problema enfrentado pelas mulheres no MST. "Existe! Menina... Isso aí tá uma coisa que o pessoal precisa cair na real, isso não pode existir mais [...]" (ENTREVISTADA 2, 2018).

O Assentamento conta com um projeto desenvolvido exclusivamente pelas assentadas, que recebe o nome de "Sacolas Camponesas". São sacolas de verduras e legumes produzidas pelas próprias mulheres, que são vendidas na Universidade Estadual de Londrina, "Tem umas mulher que elas produz pra sacola da Universidade de Londrina, lá pra UEL, só as mulher, o grupo das mulher" (Entrevistada 5, 2018), e isso, conforme observou-se na realização dos trabalhos de campo e com as entrevistas, é mais uma forma de empoderar as assentadas e buscar pela equidade de gênero.

Além disso, há todo um preconceito por parte da sociedade quando as mesmas relatam que moram no Assentamento e fazem parte do MST. A entrevistada 4 (2018) relata que, perante a sociedade, não importa se o indivíduo é assentado ou acampado, será sempre um sem terra. A mesma assentada ainda revela que, no pensamento de uma parcela da população: "Nóis vai ser sempre mal visto, na verdade. A gente vai ser sempre um sem terra que 'invadiu' uma propriedade, uma fazenda do coitado do latifundiário!" (ENTREVISTADA 4, 2018), desabafa a assentada.

Há um desconhecimento em relação aos nossos objetivos e às nossas atividades (ENTREVISTADA 5, 2018). As assentadas afirmam que por mais que vivenciam uma série de dificuldades, estão muito felizes e que a vida melhorou depois da efetivação dos lotes. Os anseios das mesmas enquanto mulheres rurais são ter uma longa vida, saúde, participar efetivamente da militância e estar sempre presente nas linhas de frente das produções. A Entrevistada 4 (2018) afirma que um dos sonhos das moradoras do Eli Vive I é uma cooperativa só para mulheres, que seria uma espécie de panificadora, "A gente fez o projeto, a gente levou, foi aprovado, mas tipo, foi aprovado e tá lá aprovado, mas até hoje a verba que era pra gente fazer isso não apareceu.", conta

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de ser um assentamento recente, o Assentamento Eli Vive demonstra que tem potencial para crescer no que diz respeito à produção. O Estado deveria fornecer mais apoio a esses sujeitos, agilizando os processos burocráticos, desenvolvendo e fortalecendo programas e políticas públicas adequados com à realidade dos assentados.

Fundamental o reconhecimento das ações desenvolvidas pelas assentadas. As mulheres do assentamento são exemplos de lutas. Carregam grandes responsabilidades com suas lavouras, com a militância, com as dinâmicas econômicas, sociais, políticas, ambientais e culturais do assentamento. Mostram-se dispostas a lutar pelo Movimento Sem Terra e também pelos seus direitos enquanto mulheres, mantendo-se resistentes perante situações de machismo, desigualdades de gênero e preconceitos.

Os objetivos, recortes e autores utilizados para a construção desse trabalho são apenas algumas possibilidades de entender a pluralidade que envolve os sujeitos de luta por terra. O MST desenvolve uma importante luta pela questão agrária, ainda mais quando se considera o caso brasileiro. A sociedade necessita (re)conhecer as ações do Movimento para superar preceitos muitas vezes transmitidos pela mídia, e assim, apoiar os militantes, que buscam pela realização da reforma agrária e da justiça social.

Dessa forma, encerram-se as discussões desse texto, reforçando a ideia da importância da realização de trabalhos como esse, que visam dar voz e reconhecer as potencialidades e fragilidades de espaços como os assentamentos, fomentando a construção de conhecimento e a melhora das condições de vida para os sujeitos da pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLOGNESE, Silvio Antonio; MÉLO, José Luiz Bica de. A técnica da entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v.9, p. 143-159. 1998.

Entrevistada 2 (2018). Residência da moradora – Assentamento Eli Vive I. Entrevista concedida na no mês de julho de 2018.

Entrevistada 3 (2018). Residência da moradora – Assentamento Eli Vive I. Entrevista concedida na no mês de julho de 2018.

Entrevistada 4 (2018). Residência da moradora – Assentamento Eli Vive I. Entrevista concedida na no mês de julho de 2018.

Entrevistada 5 (2018). Residência da moradora – Assentamento Eli Vive I. Entrevista concedida na no mês de julho de 2018.

Entrevistada 6 (2018). Residência da moradora – Assentamento Eli Vive I. Entrevista concedida na no mês de julho de 2018.

Entrevistada 7 (2018). Residência da moradora – Tamarana/PR. Entrevista concedida na no mês de julho de 2018.

Entrevistado 1 (2018). Cooperativa Agroindustrial de Produção e Comercialização Conquista (COPACON) – Assentamento Eli Vive I. Entrevista concedida na no mês de julho de 2018.

GODOY, Alene Mariana Silva de. Agrotóxico e Contaminação Humana: **Limites e Possibilidades da Reprodução do Campesinato no Assentamento Eli Vive - Londrina Paraná**. In: II CONGRESSO

INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS III SEMINÁRIO NACIONAL DE TERROTÓRIO E GESTÃO DE POLITICAS SOCIAIS II CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL. Anais...Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2017. 12p.

INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária). **Reforma Agrária: Projeto de Assentamento Eli Vive I.** 2012. Disponível em: <<http://www.incra.gov.br/search/node/assentamento%20eli%20vive>>. Acesso em 01 de Agosto de 2018.

LONDRINA. **Londrina ganha assentamento para 600 pessoas em Lerroville.** 2010. Disponível em: < http://www.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=8693:londrina-ganha-assentamento-para-600-familias-em-lerroville&catid=85:cidades&Itemid=972%3E>. Acesso em: 02 de Agosto de 2018.

MST. **Educação.** 2018. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/educacao/>>. Acesso em: 27 de Agosto de 2018.

MST. **Ocupar e Resistir:** Os desafios da Escola Eli Vive. 2016. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/2016/10/10/ocupar-e-resistir-os-desafios-da-escola-do-eli-vive.html>>. [Acesso em 01 de Agosto de 2018.](#)

Referências Entrevistas

ROSSINI, Rosa Ester. Geografia e Gênero: A mulher como força de trabalho no campo. **Revista Informações Econômicas**, São Paulo, 1993, p.1-13. .

SILVA, Joseli Maria. Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica. **Revista de História Regional**, p.31-45, 2003.

THOMAZ JÚNIOR, Antonio; VALENCIANO, Renata C. O papel da mulher na luta pela terra. Uma questão de gênero e/ou luta de classe? **Scripta Nova. Revista Eletrônica de Geografia y Ciências Sociales**, v. VI, n.119, 2002, *s.p.*

VELEDA DA SILVA, Susana Maria. **Geografia e Gênero/Geografia Feminista.** O que é isto? Boletim Gaúcho de Geografia. AGB, Porto Alegre, n. 23, p. 105-110, março, 1998.

VERONEZZI, F. **Resistência, Empoderamento e Emancipação:** As militantes da Organização de Mulheres Assentadas e Quilombolas do Estado de São Paulo (OMAQUESP). Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 173f. 2018.